

A cisão no anarquismo argentino dos anos 1920/30: as perspectivas para atualidade

*Rômulo de Souza Castro **

Resumo: A partir da reconstrução histórica do campo político anarquista que havia na Argentina do início do século XX, principalmente no final dos anos 10 e início dos anos 20, este artigo pretende analisar as práticas políticas, as discussões teóricas e os conflitos existentes entre os militantes e grupos anarquistas na Argentina. A recuperação do debate tem como objetivo observar a trajetória do anarquismo argentino que já estava sobre forte influência das vertentes revisionistas. Assim, pretendo recuperar o debate iniciado por Bakunin de construção de uma organização política anarquista.

Palavra-chave: anarquismo; anarquismo no movimento operário argentino.

The division Argentine anarchism in the years 1920/30: the prospects for today

Abstract: From the historical reconstruction of the political anarchist who was in Argentina from the beginning of the twentieth century, especially in the late 10 and the early 20, this article aims to analyze political practices, the theoretical discussions and conflicts between the militants and anarchist groups in Argentina. The recovery of the debate aims to observe the trajectory of Argentine anarchism that was already strong influence on strands of revisionist. So I want to recover the debate initiated by Bakunin to construct an anarchist political organization.

Key words: anarchism, anarchism in the Argentine labor movement;

Introdução

A maioria das discussões sobre anarquismo na América Latina – e no mundo – recai sempre na descrição de grupos no interior do movimento sindical-popular e como uma fase inicial do capitalismo nos países periféricos, demonstrando sua importância na autoconstrução da classe operária, mas os identificados como uma espécie de militantes utópicos. Não há uma preocupação com os debates político-teóricos no interior do campo (SWARTZ, 1968) dos grupos anarquistas e seu impacto no movimento operário.

Primeiramente o anarquismo surge na segunda metade do século XIX a partir da luta dos trabalhadores na Europa. Será Proudhon a partir de suas reflexões teóricas sobre a economia capitalista e o poder burguês e de sua formulação programática de um socialismo anti-estatal e profundamente anti-burguês, que vai lançar as bases daquilo que o revolucionário russo Mikhail Bakunin vai dar a forma acabada: **o anarquismo**.

Será através ação da organização política, Aliança da Democracia Socialista (ADS), na Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) que se tem à primeira

* Mestrando em Ciências Sociais pela Unesp/Marília. End. eletrônico: romulo.scastro@gmail.com

experiência histórica do anarquismo. Durante os anos de 1868-1873 é formada na Espanha uma Seção da AIT, a Federação Regional Espanhola, sob influência da Aliança de Bakunin, preocupada em difundir a AIT e consolida - lá definitivamente. Na Espanha, o bakuninismo é combatido dentro da AIT por Lafargue (marxista) e por Anselmo Lorenzo, que defenderá posições próximas ao liberalismo burguês. A aliança também atuará nas seções suíças, Seção Central de Genebra, depois na Federação Românica e Federação do Jura e na Federação Operária de Nápoles, na Itália.

Porém, após a morte de Bakunin em 1876, há a emergência do revisionismo anarco-comunista e individualista que iria disputar com o bakuninismo espaços no movimento popular-sindical. Nos anos 1880, a Aliança e a Internacional já não mais existiam. Em 1881, sobre influência de Malatesta é proposta a criação de uma Internacional Anarquista. Os anos 1890 marcam definitivamente a ascensão e influência do ecletismo/liquidacionismo, patrocinados por Errico Malatesta, Piotr Kropotkin e Anselmo Lorenzo. Em 1897, é criada na Argentina o periódico La Protesta Humana que terá influência de Lorenzo.

Assim, depois de definir o anarquismo analiso a ação política de alguns grupos e militantes anarquistas na Argentina entre os anos de 1900-1930, principalmente no período entre 1919 e 1921, quando ocorrem, três fatos históricos fundamentais: 1) a Semana Trágica de 1919; 2) a Greve Geral de 1921; e 3) a Greve Agrária Patagônia.

O objetivo foi definir as características do campo político ecletista, de que forma se realizou a cisão e qual foi o impacto no movimento operário argentino. Para isso, analisei a trajetória política e os posicionamentos teóricos existentes em indivíduos, como Diego Abad Santillan, Severino Di Giovanni, Miguel Arcangel Roscigna e Juan Antonio Morán, de grupos como “Los Solidários” do chamado Anarquismo Expropriador, da imprensa operária anarquista, principalmente dos jornais La Antorcha e La Protesta.

Diáspora: os imigrantes e a situação sócio-econômica da Bacia do Prata no final do século XIX

A estrutura econômica argentina e uruguaia assentavam-se na agricultura e pecuária. Com a expansão imperialista do século XIX a economia da Bacia do Prata desenvolveu-se até a 1ª Guerra Mundial, com base na agro-exportação com um incipiente desenvolvimento industrial, principalmente na área alimentícia. Paralelamente a esse crescimento econômico o contingente populacional aumentava

expressivamente, sobretudo devido à intensa imigração européia. Recebe-se 3,3 milhões de pessoas, sendo que só 25% vão para o campo.

O desenvolvimento industrial com aporte de capitais externos chegou a centros urbanos como Buenos Aires, Santa Fé, Entre Rios e Córdoba. No final do século, a Argentina está entre os países periféricos que mais recebia investimentos externos, sobretudo, na criação de ferrovias. No interior permanecia o latifúndio em conflito com camponeses e populações indígenas. A área plantada com grãos passa de 0,3 milhões para 25 milhões de hectares.

Há uma forte instabilidade política provocada pela integração das economias periféricas ao imperialismo. A Argentina consolida a formação do seu Estado Nacional com a Conquista da Patagônia, e aumenta mais ainda o latifúndio agrário-exportador. Soma-se a esse processo a chegada de um enorme contingente de trabalhadores imigrantes italianos, espanhóis, alemães e eslavos que chegavam como exilados políticos ou em busca de uma melhor situação de vida, uma vez que a Europa vivia em constante clima de conflito políticos entre os Estados. No país os espanhóis, representavam 31%, e os italianos 45,7% do total de imigrantes.

Com aumento, desenvolvimento e diversificação econômica na região, além do fortalecimento do Estado, as contradições entre capital e trabalho se aprofundaram. Ao mesmo tempo em que se formavam sindicatos e federações operários, associações de classe patronal começaram a serem criadas. Como a Sociedade Rural Argentina (SRA), em 1866 e o Clube Industrial, em 1875.

Na década de 1880 surgem 21 sindicatos, e são realizadas nesta década 48 greves por aumento de salário e redução da jornada de trabalho. Em 1890, é criada na Argentina a Federação dos Trabalhadores da Região Argentina. A primeira central **“obreira”** da América Latina. Com a constituição da central intensificam as reivindicações proletárias. Por outro lado, marca o surgimento da União Cívica Radical.

Durante todo o início do Século XX, o campo ecletista/liquidacionista do anarquismo passaria a influenciar o movimento sindical-popular na América Latina, sobretudo na Argentina e no Uruguai. Será dentro desse próprio campo que haverá sérios conflitos. Esses conflitos iniciar-se-iam com as diferentes posições dos grupos de afinidades e jornais sobre a revolução russa e posteriormente sobre os rumos do movimento sindical.

Deficiência teórica e a cisão dos anos 1920/30

No início do século XX a repressão sobre o movimento operário aumentava vertiginosamente tanto por parte do governo como de grupos de paramilitares financiados pela burguesia e organizado por membros do exercito. Em maio de 1901 é fundada a Federação Operária Argentina (FOA), já sobre influência de líderes do anarco-comunismo, como o italiano Pietro Gori, e do anarco-sindicalismo, como o catalão José Prat, fundadores da FOA. Em 1903 é fundado a União Geral dos Trabalhadores (UGT), próximos dos socialistas. Em 1904, há uma cisão na FOA que levará a formação da Federação Operária Regional Argentina (FORA).

As cisões dentro das federações e sindicatos eram expressões da degeneração do anarquismo, uma vez que grande parte dos grupos de afinidades “anarquistas” confundia os organismos de massa da classe com a organização política de orientação ideológica. A FORA em 1905 se transformará em uma organização “sindical” com uma orientação ideológica, no caso uma deformação do próprio anarco-comunista.

Já em 1905 os anarco-comunistas Neno Vasco, Luigi Fabbri, Errico Malatesta e Eusébio Carbo criticaram as resoluções do V Congresso da FORA, que a transformaram em uma organização sindical “anarco-comunista”. Assim surge uma vertente radicalizada do anarco-sindicalismo, o *forismo*², pois não se admitia militantes que não fossem “anarquistas”.

O início do século é marcado pela consolidação das organizações operárias na luta pela melhoria das condições de vida do proletariado. Em 1902 é realizada a primeira greve geral. O governo responde com a expulsão de imigrantes.³ O movimento operário é influenciado por uma diversidade de militantes anarquistas e grupos de afinidade sem uma unidade teórica e tática que começam a se organizar principalmente em grupos de afinidades.

Durante as manifestações de primeiro de maio de 1909, operários são mortos e feridos. Imediatamente as federações sindicais convocam uma greve geral que obteve a liberdade dos presos e reabertura dos locais onde funcionavam os sindicatos. Dias depois das manifestações de maio de 1909, o operário russo anarquista Simón Radowitzky mata em um atentado o Coronel Ramón Falcon, que havia liderado a

² Os espanhóis, da CNT, adotaram o modelo sindical da Carta de Amiens, do sindicalismo da CGT francesa, onde não era necessário ter uma posição ideológica para participação da confederação.

³ Lei de Residência: em caso de delito comum o imigrante era expulso e proibia a entrada de imigrantes com antecedentes políticos, que permaneceu até 1958.

repressão sobre os militantes durante toda a década, de 1901 a 1909. O governo proibiu o funcionamento das federações e sindicatos.

Até 1909 a FORA é hegemônica, mas no mesmo ano é criada a Confederação Operária Regional Argentina (CORA) com forte influência do sindicalismo revolucionário francês. Assim, na dinâmica da luta de classe vão se formando as organizações operárias com diferentes influências das várias vertentes do revisionismo anarquista. A repressão aumenta cada vez mais. Em 1912, é promulgada a Lei Saenz Pena que sancionou o voto universal masculino.

A crise econômica decorrente das conseqüências da primeira guerra, uma vez que a Argentina dependia de exportações e de matéria-prima, levarão a uma forte recessão, com desemprego em 1917 chegando a 30% da força de trabalho. No campo a situação é ainda pior.

A partir deste momento começa uma intensa atividade de periódicos e grupos de afinidade de diferentes origens revisionistas do anarquismo. Ao longo desses anos os grupos e periódicos terão fortes divergências que terminará em uma cisão do campo. Podemos dividir este processo em três distintos momentos: 1) pré-revolução russa, de 1910-1916, a formação do campo político; 2) entre 1917-1921 que marcará o auge dos debates sobre Revolução e organização, e culminará com o avanço da luta e de organização, e disputa entre as organizações, e por fim, 3) que marca a decadência e agonia do anarquismo no final dos anos 1920, com a cisão definitiva a partir da ação dos chamados “**anarquistas expropriadores**”.

Formação e disputa do campo político anarquista na Argentina

Todos os grupos de afinidade e ação atuam na FORA, CORA, sindicatos e grêmios autônomos. Com aumento da luta de classe na primeira metade da década de 10, os posicionamentos políticos e ação dos grupos ficam mais claros, determinando a formação do complicado campo político anarquista argentino.

Na capital e em Rosário começam a se organizar jornais como El Comunista, El trabajo e La Rebelion, distribuídos em Rosário em 1913, assim como La Bandera Roja. Estes utilizando sincretismo agudo do anarco-comunismo italiano com a teoria dos bolcheviques, principalmente Lênin e Trotsky, inclusive com publicações de textos destes autores. Posteriormente serão classificados pelo La Protesta como “anarco-bolcheviques”, por essa proximidade com a posição política comunista. Ainda surgirá um outro grupamento com os jornais La Obra e El Libertário que em 1921 originará o

La Antorcha, possuindo uma visão totalmente contrária aos comunistas, sendo classificados pelos protestista de “cristalizados”, um grupamento de prática e posicionamentos revolucionário, e a ala mais moderada e liquidacionista representada pelo La Protesta.

O debate sobre criação de uma central operária voltará às divergências de 1904, na época da FOA. O grupo La Protesta mantém o seu **forismo**. Os anarquistas próximos ao Bandera Roja esforçar-se-iam para criação da Central a partir de 1914. Chega-se a construir um comitê de unificação, mas no ano seguinte a tentativa falha. Os protestistas são contra a criação e com isso há uma cisão na FORA, passando a existir a FORA do V, anarco-comunista, e a FORA do IX Congresso que congregava Sindicalistas Revolucionários, a CORA, Socialistas e a poderosa Federação Operária Marítima (FOM). Ainda assim, o La Bandera Roja e os grupos de afinidades em volta deste grupo continuam na FORA do V.

Em 1916, Hipólito Yrigoyen, da União Cívica Radical (UCR), será o primeiro presidente eleito com apoio das camadas médias urbanas e agrárias. Adotará algumas medidas trabalhistas e tentará conquistar as massas operárias, mas reprimirá com toda força o movimento operário.

Se entre 1901 e 1910 as federações e grupos anarquistas utilizavam a Greve Geral como principal instrumento de luta, após a repressão da greve de 1910, os grupos, sindicatos e federações vão utilizar a prática do boicote. Porém este tipo de prática levaria novamente o movimento a sérias divergências, uma vez que o La Protesta recebia dinheiro da Cervejaria Palermom para financiar a campanha de boicote contra seu rival, a Cervejaria Quilmes. A campanha durou três anos, de 1913 a 1916. Tal prática política foi duramente criticada pelo La Obra e El Libertário (futuro La Antorcha) e La Bandera Roja. (Doeswijck, 1998) Para o La Protesta, de Santillan, o funcionamento do jornal virou um fim em si mesmo e a campanha justificada pela morte de um operário da Quilmes. O grupo passa adotar uma espécie de pragmatismo das suas ações políticas para manter-se no movimento operário. Assim, já se inicia o processo de divergência que se amplia entre os anos 1917-21, e se consolida nos anos 20.

A Revolução Russa e o Triênio Vermelho

Como conseqüência da Revolução Russa e da agitação revolucionária, se desencadeará nos anos 1919 e 1920 diversas tentativas de libertação no mundo como:

ocupação de fábricas de Turim e Conselhos Operários da Baviera. Todas estas tentativas, repercutem ferozmente nos operários que se canaliza naquele momento na FORA. Na Argentina não será diferente. De 1917 a 1921 ocorreram 993 greves com a participação de 851 837 operários. O nível de mobilização da classe operária aumenta vertiginosamente, e é a partir deste momento que as debilidades teóricas anarquismo do prata levará a derrota do movimento sindical-popular argentino.

A divergência sobre o processo da Revolução Russa entre 1917 e 1921 consolida a divisão no anarquismo eclético/liquidacionista argentino em três variantes: 1) os anarco-bolcheviques (posteriormente os aliancistas) defendiam a idéia de um período de transição; 2) os antorchistas, totalmente contrários à idéia de um período de transição; e 3) os protestistas, a princípio defende a ditadura, criticam os antorchistas os quais chamam de puristas e cristalizados. Depois de 1919 passam a criticar os bolcheviques, ou seja, mantém sua prática política pragmática.

Em 1918 tem-se a Reforma Universitária de Córdoba e no final do ano há conflitos armados de militantes anarquistas com a polícia. Assim, inicia-se o *Triênio Vermelho* de 1919 a 1921, onde ocorrerão três fatos históricos fundamentais: 1) a Semana Trágica de 1919; 2) a Greve Geral de 1921; e 3) a Greve Agrária Patagônia⁴.

No final de 1918, um operário é morto em emboscada pela polícia depois da morte de um policial em confronto entre grevistas e policiais. Em janeiro de 1919, é convocada uma greve geral pelas Federações. Na segunda semana de fevereiro em represália as greves, operários são assassinadas pela polícia e organismos para-militares, que viriam à forma a Liga Patriótica Argentina (LPA). Essa semana é conhecida como Semana Trágica. Durante todo a ano de 1919 ocorrerá uma imensidão de greves de portuários, marítimos, motoristas, ferroviários e trabalhadores de frigoríficos.

Também em 19 de maio de 1919 ocorre o primeiro assalto com fins políticos na Argentina. Esse assalto dá início ao **anarquismo expropriador** que nos últimos anos da década de 20 consolidará definitivamente as posições do campo político anarquista no país.

No campo a situação não é diferente. A exploração e dominação aumentam ainda mais com a crise, depois de um período de expansão econômica, sobretudo, no campo, que representava 30% do PIB do país. Os grupos de afinidade próximos ao

⁴ A patagônia foi uma das últimas regiões da argentina a ser conquistada pelo Estado. Nos anos 1870, da população indígena de 20.000, 14.000 são mortos, feridos e aprisionados. Com a Conquista da Patagônia no final do século XIX, o estado organizará e apoiará os estrangeiros na formação dos latifúndios.

Bandera Roja organizarão a Federação Operária Regional Portuária (FORP) e a União dos Trabalhadores agrícolas (UTA).

Em 1920 a FORA do IX Congresso realizou uma aliança com a Federação Agrária Argentina, organização representativa de arrendatários, camponeses e pequenos agricultores, que estavam em constante luta contra os latifundiários. Também passou a ajudar na organização da Sociedade de Trabalhadores de Río Gallegos, em Santa Cruz.

A repressão continua no ano seguinte. A justiça de classe continuar a atuar no campo, aplicando a Lei de Residência. No início de 1921, o Governo Hipólito Irigoyen envia o exército, sob comando do tenente coronel Benigno Varela, para controlar a greve que se arrastara por todo ano anterior. Os grupos paramilitares da LPA também atuam no campo com absoluta liberdade. Em 1921, novamente grupos paramilitares assassinam estivadores na manifestação do 1º de Maio. As organizações operárias convocam uma nova greve geral. No campo as mobilizações continuam. Em 1922, novamente são presos os dirigentes das Federações e Sociedades operárias da Patagônia. É realizada uma nova greve geral. O exército comandado por Varela fuzilará 1500 trabalhadores e líderes sindicais. As mobilizações e greves agrárias entre 1918 e 1921 são conhecidas como a *Patagônia Rebelde*.

A partir de 1920 os anarco-bolcheviques vão dirigir seus esforços para unidade das organizações operárias e para adesão a Internacional Sindical Vermelha de Moscou. No mesmo ano surge o grupo La Antorcha fortemente contrário às idéias comunistas e críticos da Ditadura Bolchevique que então se iniciava.

Depois do triênio vermelho (1919-1921) as divergências sobre o caráter da Revolução Russa se manifestam mais claramente entre o Protestismo, o Antorchismo e o anarco-bolchevismo. Os Antorchistas criticaram duramente a idéia de transição ditatorial. O La protesta passou para o campo anti-bolchevique, com críticas mais morais e humanísticas do que teórico-políticas sobre a repressão bolchevique, tendo em vista que até 1919 os protestistas apoiavam os bolcheviques, ao contrário dos antorchistas. Ao final do triênio vermelho, há novamente um movimento para criação de uma central operária e a discussão sobre organização do movimento sindical internacional. Isto aumenta os conflitos entre os grupos.

O Congresso da Sindical Vermelha em Moscou, em 1921, tem a participação da FORAC que recomendam aos delegados posições comunistas, anti-amarela, anti-estatal e anti-parlamentar. Aumentam as divergências entre protestistas, antorchistas e anarco-bolcheviques. Os protestistas, foristas, se colocam contrários a qualquer participação,

enquanto os anarco-bolcheviques propõem a participação a qualquer custo. Por fim acabam expulsos ⁵.

A FORA do IX, agora com o grupo vinculado ao periódico *Bandera Roja*, a CORA e os sindicalistas revolucionários abandonam o padrão **forista** e realizam a unificação com a UGT. Em março de 1922 é fundada a União Sindical Argentina (USA). Na fundação não houve adesão a nenhuma internacional e na carta orgânica há uma declaração de não participação a política parlamentar.

No ano seguinte, uma diversidade de grupos de afinidades próximos ao periódico *Bandera Roja* formariam a Aliança Libertária Argentina, na verdade uma federação de grupos de afinidades. Em 1926, é fundada a Confederação Operária Argentina vinculada aos socialistas, o que enfraquecerá ainda mais os aliancistas, já divididos.⁶

O último suspiro do anarquismo no prata: as armas passam a dirigir a política e não a política as armas

O terrorismo de estado e para-militar da LPA se ampliava cada vez mais. Para financiar as próprias atividades de propaganda, as ações de solidariedade e a auto-defesa popular alguns grupos passam a fazer ações armadas, coletivas e individuais.

O conflito de classe acirrava-se, com aumento das greves e da repressão sobre os trabalhadores, às ações dos sindicatos e organizações políticas ficavam apenas no aspecto reivindicativo. Criava-se um círculo vicioso, a onda repressiva e a situação de exploração dos trabalhadores eram respondidas com ações terroristas. O surgimento do *Anarquismo Expropriador* na ala revolucionária do campo ecletista completará a cisão.

O aumento da violência estatal e dos grupos paramilitares financiados por empresários, do campo e da cidade, leva, principalmente, a ala revolucionária do campo a utilização da violência e da expropriação como resposta as agressões sofridas. *As armas passam a dirigir a política.*

Assim, operários e militantes anarquistas como Miguel Arcángel Roscigna, líder sindical metalúrgico da Sociedade de Resistência Metalúrgica, Juan Antonio Morán, marinheiro-timoneiro, secretário geral da Federação Operária Marítima, e Severino Di

⁵ Santillan e os protestitas acusam os “anarco-bolcheviques” de ligação com a URSS, por participação na sindical vermelha e na III Internacional, mas o própria FORA indicou a participação da delegação defendendo uma aliança sindical autônoma sem controle dos PC’s e da III internacional.

⁶ Em 1930, a USA se fundirá com a COA formando assim a Confederação Geral do Trabalho (CGT).

Giovanni, do jornal e grupo de ação Culmine, serão os principais organizadores e ideólogos dos atentados a favor da libertação de presos e de vingança contra os policiais.

A repressão aumenta sobre o movimento operário, em 1922 quando é eleito Marcelo Teodoro de Alvear (UCR). No seu governo os trabalhadores rurais são assassinados. Com a fascitização e a prisão e morte de operários criam-se no movimento operário os *comitês pró-presos e antifascistas*, através principalmente da influência dos imigrantes. Diante desse cenário os grupos anarquistas na bacia do prata se dividirão entre os *pró-luta armada* (ação direta violenta) e a ala *“legalista”*. Ou seja, a ala “revolucionária” do ecletismo e a ala reformista.

A ala pró-luta armada se organizará em torno principalmente do *Comitê Anti-Fascista Italiano, Comitê Pró-Presos Sociais e Deportados e do Comitê de Relações entre Grupos Italianos*. Todos eles próximos aos antorchistas. Além das associações autônomas de pintores, motoristas, carpinteiros e sapateiros. Ala legalista será formada pela FORA do V, protestistas, a USA e os aliancistas.

Os aliancistas (ALA) a partir de 1923, já com alguns de seus protagonistas nas secretarias principais da USA, gradativamente se mimetizou com o sindicalismo, enquanto outros voltaram às suas origens anarquistas. Anarco-bolcheviques foram a sua maioria para o Sindicalismo Revolucionário. Ao longo da década 20 vão perdendo influencia no movimento operário.

Já em 27 de janeiro de 1923, o anarquista alemão Kurt Gustav Wilckens, mata o tenente coronel Varela, que liderou a repressão contra os trabalhadores da Patagônia no ano anterior. Agudiza-se a cisão. A ala moderada-legalista condenou as ações de expropriação e terrorismo individual, propondo ações pacíficas e de conscientização para manter “as liberdades democráticas”. A partir de então, os protestistas só defenderiam os presos anarquistas que não cometessem ação violentas e de expropriação.

O antorchistas, por sua vez, defendia as ações dos expropriadores. Durante a década de 20, aumentam a intensidade da luta armada contra o governo e a LCP por parte dos expropriadores. A necessidade de pagamentos aos advogados e de financiamento para as campanhas e ações de libertação como de Radowitzkys, Wilckens, Durruti, Ascaso e mesmo de Sacco e Vanzetti aumentava mais ainda a expropriações.

Essa cisão ficara mais forte com a ação de grupos anarquista, como *Los Solidários*⁷, e de militantes do anarquismo expropriador como Severino Di Giovanni, Miguel Arcangel Roscigna, Silvio Astolfi, Juan Antonio Morán, Gino Gatti e Emilio Uriondo. Com aumento da repressão sob o movimento operário por parte do governo e da LCP os expropriadores responderam com a morte de empresários, ministros, presidentes e policiais.

A campanha pela libertação de Sacco e Vanzetti nos EUA e de Simón Radowitzky na Argentina ampliará as ações desses grupos. Em 1927, atentados são realizados. Esses grupos e militantes agirão violentamente pela libertação de seus companheiros. A FORA do V condenará essas ações e perseguirá mais ainda esses militantes. A cisão se aprofunda quando os “*protestista*” acusam esses militantes de anarco-bandidos. Os antorchistas saíram em defesa do grupo.

Nos últimos anos da década de 20, diversos militantes são presos. Após, uma mal sucedida ação de um grupo no Uruguai, Roscigna, Gatti e Uriondo organizam o resgate deste grupo preso no presídio de Punta Carretas, em Montevideú.⁸

Realiza-se definitivamente a cisão do ecletismo/liquidacionismo. A ala moderada representada pelo protestismo, a qual a figura de Diego Abad Santillan se destacava, tem como linha histórica o pensamento de Anselmo Lorenzo, que combateu a Aliança de Bakunin na Espanha. Os protestistas combateram os expropriadores, inclusive com acusações de que morte de Lopez Arango, do La Protesta, fora provocado por Severino Di Giovanni. As posições extremamente moderadas dos protestistas muitas vezes os levaram na prática para o colaboracionismo.

Em abril de 1930, Radowitzky é solto depois de 20 anos na prisão e viaja para o Uruguai⁹. Em novembro, um golpe de estado é realizado pelo militar Uriburu. O Major do exército Jose W. Rosasco é nomeado pelo presidente interventor policial. Aumenta a repressão sobre os anarquistas. Os restantes dos militantes expropriadores fazem suas últimas ações, como o atentado que mata o major. Depois, em 1932 organizou-se a fuga

⁷ Liderado por Durruti, e com Ascaso e Jover. Viajaram por França, Espanha, Cuba, Chile, Argentina e Uruguai durante 1925 para conseguir dinheiro para libertação de operários, inspirando diversos militantes na Argentina.

⁸ Em 1928, dois anarquistas Antonio e Vicente Moretti e três catalães do grupo de Durruti organizam um assalto que culmina na prisão de 4. Assim, Roscigna e Uriondo a partir de 1929, financiam a fuga dos 4 com a construção de um túnel através de uma carvoaria, organizada pelos dois com ajuda de Gino Gatti, que liga ao presídio de Punta Carretas.

⁹ Depois com início da guerra civil espanhola vai para a Brigadas Internacionais, na frente de Aragón, onde combate na 28ª Divisão. Com a derrota vai para França e depois México, onde viveu até sua morte em 1956.

de militantes de presídios. Posteriormente Moran e Roscigna são presos e quando soltos em 1935 e 36 assassinados. A FORA do V perde completamente seu poder político e desaparece nos anos posteriores, principalmente pela ascensão do peronismo.

Conclusão

Nos anos 1920 os conflitos internos do anarquismo do prata serão apenas expressão da falta de um programa político e de uma unidade ideológica, que fará com que este vá aos poucos minguando até deixar de ter influência de massas no movimento operário pos anos 1930. Na verdade reflete a influência do ecletismo/liquidacionismo do anarquismo que abdicou e combateu os pressupostos básicos do anarquismo (ideologia, teoria, estratégia e programa). Com isso rompe totalmente com a proposta teórica-política bakuninista de uma organização política anarquista. Bakunin organizava a Aliança da Democracia Socialista, também conhecida como Fraternidade Internacional, que defendia a não participação da classe operária na política parlamentar e a não submissão dos organismos da classe trabalhadora aos interesses partidários. Ao contrário de que todas as vertentes do anarquismo no prata fizeram.

A força dos organismos da classe e as mobilizações foram imensas e intensas na Argentina. Mas a ausência teórica e a falta de uma estratégia e programa para a destruição do Estado e do Capital não estavam no plano dos grupos anarquistas. Era necessário mais que instigar as massas, era primordial a preparação. Sem teoria e um programa definido, o grande momento de mobilização do operariado argentino foi duramente reprimido com a morte de milhares de trabalhadores. A Semana Trágica tomou por surpresa as organizações como o Governo. Ninguém dirigiu ou soube dirigir os trabalhadores. Durante o triênio vermelho as organizações operárias não avançaram para além das bandeiras reivindicativas. Após este momento, a política passou a ser dirigida pela armas. Os grupos ligados ao *antorchismo*, entre eles os expropriadores, entraram em um círculo de atividades de vinganças, caracterizados como resistências pontuais coletivas e individuais. Apesar desse equívoco, não pela utilização da luta armada, mas pela sua falta de teoria, estratégia e programa, demonstraram toda sua política de resistência, ao contrário da ala moderada, os *protestistas*, que capitularam ao aumento repressivo estatal e paramilitar.

Os grupos de ação e afinidades sem uma definição clara “do que fazer” foram definindo ao longo dos anos 1920 e 1930. Quase todas as principais lideranças do anarquismo expropriador foram presas ou mortas. Outros se exilaram. O peronismo

passou a ter expressão de massas no movimento operário. Vários líderes anarco-sindicalistas se mimetizaram nos sindicatos.

Para atualidade, o anarquismo precisa voltar para sua verdadeira origem, ou seja, em Proudhon e Bakunin, e fazer a crítica necessária a todas as vertentes revisionistas que mostraram todas suas debilidades teóricas, estratégicas e programáticas. Para isso é preciso voltar às propostas bakuninistas para construção de uma organização política revolucionária anarquista.

Referências:

- BAYER, Osvaldo. *Los Anarquistas Expropiadores*. Montevidéo: Ediciones Recortes, 1988.
- BAYER, Osvaldo. *Severino di Giovanni. El Idealista de la Violência*. Buenos Aires, Editorial Galerna, 1970.
- BAYER, Osvaldo. *Patagonia Rebelde. Los Bandoleros*. Buenos Aires, Espejo de La Argentina, 1993. (2º ed.).
- DOESWIJK, Andréas. *Entre Camaleões e Cristalizados. Os Anarco-Bolcheviques Rioplatense 1917-1930*. Tese (Doutorado). Campinas, Unicamp, 1998.
- MECHOSO, Juan C. *Acción Directa Anarquista. Una Historia de Fau*. Montevidéo: Editorial Recortes, 2000.
- MAFUD, Julio. *La Vida Obrera em La Argentina*. Buenos Aires: Editorial Proyeccion S.R.L, 1976.
- MAITRON, Jean. *Le Mouvement Anarchiste em France II: de 1914 à nos jours*. Paris: Gallimard, 1992.
- NETTLAU, Max. *Miguel Bakunin, La Internacional y la Alianza em España. 1868-1873*. Madrid: Las Ediciones de La Piqueta, 1977. (3º Ed.).
- GODIO, Julio. *Historia del movimiento obrero argentino, 1870-2000*. Buenos Aires: Corregidor, 2000.
- MAROTTA, Sebastián. *El movimiento sindical argentino - Su génesis y desarrollo - Tomo II - 1908-1919*. Buenos Aires: Lacio, 1960.
- MAROTTA, Sebastián. *El movimiento sindical argentino - Su génesis y desarrollo - Tomo III - 1920-1935*. Buenos Aires: Lacio, 1970.
- OVED, Iacov . *El anarquismo y el movimiento obrero en la Argentina*. Mexico: Siglo XXI, 1978.
- SWARTZ, Marc J. *Local Level Politics – Social and Cultural Perspectives*. Chicago: Aldine Publishing Company, 1968.